

## A MANA ELISA E O MANO HEITOR

Estava reunida toda a familia. Em quanto não chegava a hora do chá, conversava-se alegremente, contando casos, recordando factos, formando-se projectos.

A Elisinha e o Heitor tambem de quando em quando faziam a sua observação, geralmente bem acolhida, porque os pequenitos eram muito esper-tos e engraçados.

O pae, que se babava por elles, tinha-os sur-prehendido dias antes n'uma brincadeira que

muito o fizera rir; lembrando-se do caso, disse-lhes:

— Tu, Heitor, e tambem tu, Elisa, estão cada vez mais traquinas. Não sei quando hão de ter o proposito do avô e da avósinha. Façam o que elles fazem.

Não foi preciso mais nada para os dois manos pegarem na palavra. N'um instante se prepararam como a gravura os representa, e saltaram para o meio da casa, dizendo com voz fanhosa:



HEITOR: — *Vá lá uma pitada, amigo Ray-mundo. Olhe que é reserva de mestre. Isto faz espertar as idéas.*

ELISA: — *Estas raparigas d'agora parecem espiritadas! No meu tempo não era assim. Tarre-nego! An! an! an!*

Todos riram a bom rir, e em boa verdade dixeram, que o avô e a avó não foram dos que riram menos.

## A PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI

As festividades religiosas são de todos os tempos e de todos os povos.

Nos tempos primitivos a ideia de um Deus creador e senhor de tudo promovia manifestações de submissão e adoração, feitas sob formas rudes e simples, á sombra do cedro gigante, da graciosa palmeira ou de montes de pedras, primeiros altares e monumentos da fé humana.

A ideia de um Deus, creador, libertador, legislador e protector de seu povo fazia que a nação hebrêa celebrasse com esplendor e entusiasmo as grandes festas da paschoa, pentecostes, e tabernáculos, recordações solemníssimas dos maiores acontecimentos nacionaes; e outras festas, secundarias, mas, ainda assim, lembranças preciosas de sucessos de grande e feliz influencia na vida d'essa nação celebre.

D'esde mui antigos tempos foram parte importante do culto as procissões. A biblia descreve as procissões magníficissimas com que a arca santa foi conduzida das casas de Abinadab e Obedon para o palacio de David e depois para o maravilhoso templo de Salomão.

O christianismo sempre teve procissões, como lições de que a nossa vida terrena é apenas a transição, a procissão para uma vida melhor, e como confissões publicas e decididas da fé n'aquelle que é o *caminho, a verdade e a vida*.

A mais antiga procissão da Igreja christã é a das *palmas*, que já se fazia nas catacumbas. É de mui remota data a chamada *procissão do domingo*, de que ainda é reliquia veneranda o costume do parochio, antes da missa parochial, aspergir o povo e recitar aquella breve mas formosa oração, com que exora o Deus santo e pai omnipotente afim de proteger todos que ali estão congregados na grande oração de um povo ou familia religiosa.

Em quinta feira santa são celebradas as grandes ceremonias do *lana pés*, eloquentissima lição de humildade e caridade, que N. S. Jesus Christo nos legou, e da *benção dos sagrados chrismas*, e é solemnisada a instituição da Santissima Eucharistia, a maior obra do amor divino, porque é o resumo admiravel de todos os mysterios e de todos os beneficios que a bondade divina realizou em prol da salvação e felicidade humana.

Era pois justo que este grande mysterio tivesse uma festividade exclusiva, e foi por isso e para satisfazer a fé universal da Igreja catholica, que em vez de se entibiar, se reaccendeu com os esmorecimentos da incredulidade e ingratidão de alguns, que o santo padre Urbano IV, em 1264, ordenou que depois das festas do natal, epiphania, paschoa e pentecostes, se realizasse a solemnidade de Corpus Christi.

Esta grande solemnidade compõe-se de duas partes, a missa solemníssima e a procissão que costuma e deve ser a mais grandiosa e esplendida possivel.

Em Portugal, a festividade de *Corpus* data de

El-Rei o Senhor D. João I, que para ella deu á camara de Lisboa mui curioso regulamento, conservado no precioso livro chamado *dos pregos*.

Por muitos seculos a procissão de *Corpus Christi* de Lisboa foi feita com tanta magnificencia que chegou a ter a reputação da mais bella procissão da Europa, e por isso, apesar da difficuldade das communicações, attrahia muitos forasteiros a Lisboa.

El-Rei D. João V modificou-a muito, tirando-lhe muitas usanças, que já não tinham por si a simplicidade e viver de outras eras, mas augmentou-lhe outro esplendor, obrigando a tomarem parte n'ella todo o clero regular e secular, irmandades e ordens, a luzida collegiada da cathedral, a camara municipal, commendadores e cavalleiros das ordens militares e os monarchas com os seus ministros, tribunaes e côrte.

Ainda muitos se lembram com enthusiasmo do tempo em que a solemnidade de *Corpus* era magníficissima, pelos brocados preciosos com que adornavam as janellas das ruas do transitto e pelo ar de festa que assumia toda a população desde a vespera.

A noite que antecedia a grande festividade era de enthusiastica alegria.

Iluminava-se toda a cidade, a cada janella assomavam restos alegres, por toda a parte percorria multidão enorme, escutavam-se gratas harmonias, e o enthusiasmo poetico de nossos avós expandia-se em inspiradas estrophes, em que celebravam a sua fé, o seu patriotismo e a sua viveza meridional.

Raiava o grande dia e todos corriam a presenciar outro grandioso espectáculo. Todos os regimentos da guarnição da capital, essas magnificas tropas, tão bravas nos campos de batalha, porque as incitavam o amor da patria e a fé religiosa, n'este dia se formavam na mais luzida parada, para d'ali seguirem ovantes, marciais e esplendidas, a formarem alas á grande procissão, como justissimo preito rendido ao Deus dos exercitos, que dera a victoria e glorioso viver de sete seculos a esta nação, pequena no territorio e população, e grande, uma das maiores na influencia no progresso humano.

Meus meninos, sois felizes se em vossos tentos corações causa impressão a narração d'estas grandezas religiosas e patrias.

Pedí a vossos paes que vos levem a presenciar a procissão de *Corpus Christi* e adorai com o maior respeito e a fé mais viva o Todo-Poderoso, que, por effeito do seu amor infinito, se resume a uma pequena hostia, isto é, o immaterial por essencia apparece n'uma parte minima da materia, para tambem por meio dos sentidos ser excitada a nossa fé. Mas além de adorar, tambem ali tendes que aprender.

Vêde: o clero patriarchal é antecedido pelas *basilicas*, que recordam o tabernaculo da antiga lei, e que era um templo mobil, como era pro-

prio d'uma nação que ainda não tinha assentado na terra da patria.

Esses cavalleiros que aos seus hombros enrolam seus alvos mantos, premio de seus serviços á patria, recordam essa brilhante cavallaria religiosa, que foi a valorosa guarda avançada na conquista da terra da patria e dos dominios que ella senhoriou além-mar. Essa imagem de guerreiro, que empunha a lança, recorda a invocação do soldado portuguez, que nas gloriosas pelejas, desde D. João I, chamou por S. Jorge.

Esses negros, de vestes e instrumentos tão simples e primitivos, occupam aquelle logar desde os primeiros que, no reinado de D. João II, vieram da Guiné.

Meus filhos, é lamentavel que essa grande solemnidade não tenha conservado o seu antigo esplendor, tão conforme não só ao seu altissimo objecto e á sustentação da fé religiosa, mas tambem ao decore de uma grande capital e ao bem do commercio e industria nacional.

Não conservando a fórma grandiosa que tinha ha seculo e meio, podia e devia dar-se-lhe outros esplendores não menos religiosos e não menos impressionadores: mais flores, mais creanças, mais donzellas, mais levitas de alvas vestes, mais parochos de preciosos e roçagantes pluvias e mais coros de centos de vozes harmoniosas.

Tem alguma coisa d'isto a procissão de *Corpus* em muitas aldeias nossas, e como ella ahí é bella e encantadora! Muito assim foi em França e ainda é em muitas partes d'esse e d'outros paizes catholicos, e deixai-me terminar este meu artigo, recordando o que succedeu a Diderot quando já tinha a alma arreificada pelos gelos mortiferos da descrença.

Fôra christão o seu principio. Uma terna mãe lhe ensinára as primeiras orações que elle recitava com indizível encanto, ajoelhado entre suas pequeninas irmãs. Cresceu, entrou no mundo.

Accommetteu o orgulho da sciencia e o bafio letal das paixões desvairadas. Fugiu de Deus, desertou do seio da sua igreja.

Um dia, ao voltar d'uma esquina das ruas de Paris, deu de repente com a procissão de *Corpus* e sentiu encherem-lhe os ouvidos e a alma arrebatadoras harmonias, as harmonias da sua infancia, da casa de sua mãe e dos seus dias mais felizes e saudosos. Sente vergar-lhe o animo e assomarem-lhe as lagrimas aos olhos; e a procissão caminha, caminha e se aproxima cada vez mais d'elle, que ia irresistivelmente ajoelhar, e ajoelhado vencido, se de repente lhe não surgisse no pensamento a voz orgulhosa da sua falsa philosophia e do receio pueril dos sarcasmos dos amigos e consocios. Foge, foge espavorido, sem poder a si mesmo explicar quanto sente. Caminha ao acaso, e esse acaso o leva de novo ao encontro da procissão, como succede muitas vezes, em que, á força de se fugir de alguém, se encontra repetidas vezes. Sente nova e mais profunda impressão; porém ainda foge, mas pallido, desfigurado, tremente, afflicto a ponto de um amigo, que o encontra, lhe estranhar o estado em que o vê e é evidente manifestação do que lhe ia na alma. Perguntado, responde: — Sim, sim, affianço-vos que se encontro mais outra vez a *procissão de Corpus* volto a ser catholico!

Não teve esse terceiro encontro e o desgraçado morreu na sua incredulidade, porque não teve a coragem de preferir aos seus perigosos amigos, aos maus livros e ao orgulho da sua falsa sciencia a doçura e a verdade santa das crencas de uma virtuosa mãe e dos unicos dias felizes que tivera na vida.

Meus amiguinhos, pedí a Deus que vos faça tão fortes que a sciencia e o contacto do mundo, em vez de enfraquecerem, fortifiquem e engrandeam a vossa fé e a vossa virtude.

SILVA FIGUEIRA.



## AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

### CAPITULO XXIII

#### O REGRESSO

Quando o comboio parou, profunda commoção dominava os nossos quatro personagens. Se o

sr. de Sannois não viesse? se um motivo qualquer o obrigasse a adiar a partida?... Ah! que terrivel decepção!

Tinham-se já aberto algumas portinholas das carruagens; os viajantes iam descendo, segurando as suas malas e chales de viagem, e o sr. de Sannois não apparecia!

Foram os olhos penetrantes da Susaninha que primeiro o viram.

— Lá vem o papá!... — gritou ella com tão viva alegria, que alguns passageiros voltaram-se para ver aquella encantadora menina.

A pequenita soltara-se da mão da mamã, e fôra a correr lançar-se nos braços do estreme-cido pae, que a beijava trémulo de alegria.

— Minha querida filha! — murmurava elle. — Minha adorada Susana! como estás crescida e formosa!...

E, conservando ao collo a sua filhinha, o sr. de Sannois abraçava a sua querida mulher, seu filho e o sr. de Beaucourt.

Recolheram todos a casa na carruagem. O capitão de fragata contemplava radiante de alegria aquelles queridos seres, de quem estivera separado por tanto tempo, e quasi que nem podia fallar, tanta era a commoção que sentia.

Foi uma noite de festa no palacio do parque Monceaux. Os amigos do sr. de Sannois, informados da sua chegada, vieram successivamente apertar-lhe a mão e felicitá-lo pela sua feliz viagem.

Aquellas demonstrações de amizade contrariavam um tanto a menina Susana, que desejaría ter só para si o seu querido papá. Este adivinhou-lhe na cara de amuada o que ella sentia; por isso, chamou-a e disse-lhe em segredo:

— Amanhã não recebo ninguém; passaremos a noite em familia. E isto que desejavas?

— E sim, meu papá!

O sr. de Sannois cumpriu a promessa: no dia seguinte, depois do jantar, deu ordem aos criados para não admittirem ninguém, e foi para a sala, onde se viu rodeado pela sua affectuosa familia.

A senhora de Sannois fez mil perguntas a seu marido sobre as peripécias da commissão que desempenhara e das difficuldades da viagem. O sr. de Beaucourt e Paulo tambem lhe dirigiram uma infinidade de perguntas, cujas respostas de certo interessavam a Susaninha, porque se contentava em escutar muito calada.

Quando o bravo capitão de fragata acabou de satisfazer a curiosidade dos seus, exclamou:

— Bom! agora chegou a minha vez. Quero tambem saber o que se passou por cá. Algumas coisas já eu sei, por exemplo: que a menina Susana atormenta repetidas vezes os ouvidos do seu avôsinho e de seu irmão, para lhe darem resposta ás suas interminaveis perguntas. N'este ponto, vejo que não mudou, e, verdade verdade, isso muito me satisfaz. Quanto a ti, meu querido Paulo, sei que continuas trabalhando com

assiduidade, e que os teus superiores estão contentes contigo. Estou certo que subirás rapidamente; por esse lado, não me inquieta o teu futuro. Agora sobre os particulares da tua vida é que não estou completamente informado, e, a julgar pelas tuas ultimas cartas, creio que terás coisas sérias a communicar-me.

Paulo sentiu uma subita commoção. Via-se forçado a fallar do seu projectado casamento com a menina Thereza de Montlaur; e, no mesmo instante, recordou-se do empenho que seu pae mostrara em saber se a menina de Montlaur pertencia a uma familia do mesmo appellido, um dos membros da qual era tenente de marinha em 1855. Os esclarecimentos que alcançara, e que não pudera ainda transmitir ao sr. de Sannois, tinham-no tranquillizado. Não

obstante, sentia agora uma vaga inquietação.

— Então, não me respondes? — insistiu o capitão de fragata com bondoso sorriso. — Sabes de certo ao que eu me refiro.

— Sei perfeitamente, meu pae — disse afinal o engenheiro, revestindo-se de animo. — No verão passado, minha mãe encontrou em Dieppe uma das suas antigas amigas, senhora em extremo agradável, que tem uma filha...

— A minha amiguinha Thereza! — exclamou a ladina Susana.

— Ah! é tua amiga? — voltou o sr. de Sannois.

— Muito intima!

— A senhora de Montlaur é viuva... — contin-

tuou Paulo; mas interrompeu-se logo, notando que seu pae empallidecera, e que passava a mão pela frente como para afastar um lembrança terrível.

Todos tinham os olhos fitos no sr. de Sannois, não podendo comprehender o motivo d'aquella pallidez e d'aquelle gesto.

— Continua, Paulo — disse o sr. de Beaucourt, depois d'um instante de silencio.

— Thereza — proseguiu o engenheiro — inspirou-me logo uma affeição profunda, que minha mãe e meu avô não desaprovaram. A senhora de Montlaur e a minha boa mãe delinearão já um projecto de casamento, que em verdade de-sejo com toda a alma.

O sr. de Sannois tinha-se levantado e passeava pela sala, de cabeça baixa, parecendo dominado por sombrios pensamentos.

Paulo, dolorosamente commovido, prevendo uma catastrophe, não ousava retomar a palavra. Esperava que seu pae pronunciasse ao menos uma palavra de esperanza.



A pequenita fôra a correr lançar-se nos braços do estreme-cido pae...

— Por fim, o sr. de Sannois parou, e depois aproximou-se de seu filho.

— Meu querido Paulo — disse elle — vou talvez causar-te uma grande alegria ou uma grande dôr. Mas dá-me primeiro mais completos esclarecimentos sobre a familia Montlaur. Lembra-te dos que eu te pedi na minha carta?

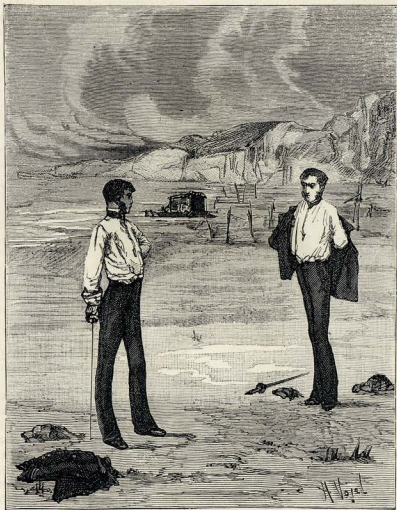
— Lembro sim, meu pae; querias saber se um dos membros d'aquella familia era tenente de marinha em 1855.

Todos ficaram immoveis, silenciosos, sem poderem suspeitar qual fosse o motivo do profundo desgosto que patenteava aquelle honrado marinheiro.

O sr. de Sannois quebrou o silencio, perguntando com voz trémula:

— E... que foi feito d'elle?...

— Pedro de Montlaur morreu na guerra da Criméa — respondeu Paulo com tristeza, sentindo que ia despedaçar-se a sua ultima esperança.



... Cada um de nós escolheu duas pessoas de confiança e batemo-nos...

— Justamente. E então?

— A senhora de Montlaur, disse-me que o seu defunto marido tivera um irmão, que ella não conhecera.

— E esse irmão era?...

— Tenente de marinha na época indicada.

O sr. de Sannois deixou-se cahir n'uma poltrona, tentando em vão dissimular a tremura que lhe percorria o corpo. Decorridos alguns instantes, diligenciando cobrar animo, murmurou:

— E o nome d'elle?...

— Chamava-se Pedro de Montlaur.

— E o mesmo! é elle! — exclamou com desalento o sr. de Sannois.

— Sim... sim... é isso! Em 1855!... Que fatalidade!... — murmurou o capitão de fragata.

E, sem dizer nem mais uma palavra, ficou por muito tempo com o olhar fixo no chão, absorto em mysteriosos pensamentos.

Quando aquelle homem energico, aquelle valente marinheiro que tanta vez encarara a morte, ergueu a cabeça, tinha os olhos razos de lagrimas. Dirigiu-se a Paulo, pegou-lhe nas mãos e apertando-lh'as vivamente commovido, disse-lhe:

— Meu pobre filho! meu pobre filho! este casamento é impossivel!...

Paulo como que esperava aquella terrivel res-

posta; dando largas á sua pungente dôr, augmentaria a de seu pae; por isso, conteve-se n'um supremo esforço, e apertando respeitosa e a mão do bravo marinheiro, sahiu da sala, para ir dar livre curso á sua afflicção.

O sr. de Sannois renovara os seus passeios, sem ver ao menos as pessoas que o rodeavam. Um ruido de soluços abafados lhe chegou afinal aos ouvidos, despertando-o do seu cogitar.

A Susaninha, refugiada nos braços da sua mamã, chorava a bom chorar.

— Pois a Susana estava ahí?... — disse com tristeza o sr. de Sannois. — Onde tinha eu a cabeça para fallar diante d'ella!

E enxugando carinhosamente os olhos da pequenita, acrescentou:

— Então, minha filha, não chores! não aggraves o meu desgosto!...

A Susaninha teve mesmo vontade de perguntar: «Mas de que provem esse desgosto?» Não ousou, porém, fazê-lo, e deixou-se conduzir ao seu quartó pela mamã.

Quando a senhora de Sannois ia a sahir, seu marido disse-lhe em voz baixa:

— Vae e volta; tenho que te revelar coisas muito graves, a ti e ao sr. de Beaucourt.

O capitão de fragata estava finalmente resolvido a desvendar aquelle doloroso mysterio.



O SENHOR DE SANNOIS

### CAPITULO XXIII

#### O MYSTERIO

Pouco depois de voltar á sala a mãe da Susaninha, o sr. de Sannois começou n'estes termos:

— A scena que presenciaram ha pouco de certo os impressionou dolorosamente. Devo-lhes uma explicação. Cumpre que saibam porque é impossivel o enlace de Paulo com a menina Thezera de Montlaur. Sei que esperavam o meu assentimento a essa união tão promettedora de felicidades, e por isso a minha recusa mais os deve surpreender.

Este preambulo causou funda impressão na senhora de Sannois e em seu velho pae. Previam ambos que o digno marinheiro lhes ia comunicar um facto terrivel, de irremediaveis consequências.

— É quasi uma confissão que tenho a fazer-lhes, confissão d'uma falta perdoavel para muitos, mas imperdoavel para mim, com quanto não fosse voluntariamente culpado. Conhecem-me bem para me fazerem justiça. Infelizmente, o meu delicto reflecte-se hoje no meu pobre Paulo.

Era na primavera de 1855. O meu navio, a fragata *João-Bart*, acabava de chegar á Criméa. Levavamos ordens secretas, e deviamos receber

outras, demorando-nos alli o tempo absolutamente indispensavel. Não obstante, grande foi a demora!

Uma manhã — era o dia 20 de maio de 1855, data que nunca poderei esquecer! — um official da fragata *La Pérouse* travou uma pendencia commigo, sob pretexto da maior das futilidades, e insultou-me gravemente. Eu era seu superior, podia punil-o com todo o rigor da ordenança; mas os brios de militar compelliram-me a pedir-lhe reparação da affronta com a espada na mão.

Estavamos em tempo de guerra; o duello devia de ser ignorado. Cada um de nós escolheu duas testemunhas de confiança, e batemo-nos. Logo ao primeiro ataque ferí no peito o meu adversario, que cahiu por terra. As minhas testemunhas levaram-me do campo.

Na noite d'aquelle dia fatal, recebemos ordem de levantar ferro. Pude apenas saber que o estado do meu infeliz adversario era quasi desesperado. Voltei a França bastante afflicto. Entretanto, diligenciaria crer que o desventurado conseguiria escapar; mas, de repente, chegou-me a noticia de que fallecera dias depois da minha partida!

O sr. de Sannois suspendeu a narração, que bastante o fazia soffrir. Final, ergueu os olhos para sua esposa e para o sr. de Beaucourt, e murmurou:

— De certo adivinharam já quem era o desventurado tenente?

Pae e filha baixaram a cabeça.

— Era Pedro Montlaur — continuou o sr. de Sannois — era o tio de Thereza, d'essa pobre menina que Paulo desejava desposar. Comprehendem agora o motivo porque o nosso Paulo não pôde entrar n'essa familia, um dos membros da qual morreu ás minhas mãos? Comprehendem porque seria um sacrilegio semelhante alliança?

O silencio do sr. de Beaucourt e de sua filha era como que uma approvação ás palavras do sr. de Sannois.

Entretanto, a desolada senhora aproximou-se de seu marido e disse-lhe docemente:

— Sim, sim, comprehendemos a tua dôr, e de todo coração te lastimamos!

— O Paulo é que deve ser lastimado, porque soffre injustamente as consequencias d'uma falta da minha mocidade!

— E a nossa querida Susana? — disse então o sr. de Beaucourt, que nunca se esquecia da sua netinha. — Bem viram como ella se affligiu ainda agora. Thereza é a sua amiga mais affe-

ctiva. Parece-me conveniente illudil-a um pouco, dizendo-lhe que o casamento fica simplesmente adiado.

— Tem razão. Peço-lhe que se incumba d'essa missão, e igualmente de annunciar á senhora de Montlaur que não pôde effectuar-se o projectado casamento.

O sr. de Beaucourt inclinou-se em signal de assentimento.

— Oh! — exclamou a senhora de Sannois — mas que has de tu dizer, meu querido pae?...

— A verdade! — respondeu serenamente o ancião.

O sr. de Sannois ia como para deter seu sogro, mas arrependeu-se logo e disse resignado:

O sr. de Beaucourt tem razão. Cumpre dizer a verdade!

— Sim, dizer a verdade é ainda a melhor politica — declarou o ancião, com o convencimento que dá a experiencia. — Qualquer evasiva de que nos servissemos, por muito engenhosa que fosse, mais hoje, mais amanhã, seria descoberta.

(Continúa.)

## VERSOS AO JULIO

### O PARDAL E O CANARIO

N'uma formosa gaiola  
De mil arabescos varios,  
Tasquinhando se consola  
O mais feliz dos canarios.

Na sacada, pipilando,  
Um pardal faminto e triste  
Apanha de quando em quando  
O seu baguinho de alpiste.

O canario, ao ver o pobre  
Magro, a cabir de lazeira,  
O vil orgulho descobre  
Fallando d'esta maneira:

— Olá! porco bandoleiro  
Que a varanda me enxovalhas,  
Mandião e calaceiro  
Que vens roubar-me as migalhas;

«Quanto darias, mendigo,  
Roto, pobre, esfarrapado,  
P'ra viver junto commigo  
N'este palacio encantado?»

«Eu tenho poleiros de ouro,  
Alpiste mimosa e fina,  
E no farto bebedeiro  
Agua pura e crystalina.»

«Tenho festas e carinho,  
Nada a ventura me afuma,  
Tenho o conchego d'um ninho  
Tecido de sumáuma...»

«Tenho aqui onde me acoite  
Contra a chuva, o frio e vento;  
Não bato o queixo de noite,  
Não passo a noite ao relento.»

«E tu, que tens n'esta vida?  
Não me dirás, infeliz?  
Tu, que p'ra a simples comida  
Nem dispões d'uma de X...»

— Eu tenho, volve o pardal,  
Tudo quanto o mundo encerra;  
Tenho os regatos do val,  
Tenho as boninas da serra.

«Tenho o espaço onde me lanço  
Mal a manhã se annuncia,  
E a asinheira onde descanço  
Das arduas luctas do dia.»

«Tenho a vermelha cereja,  
Tenho as cearas dos milhos,  
Tenho a lua que me beija  
Quando acalento os meus filhos.»

«Tenho a ragem do olmeiro,  
Os loiros trigos da herdade,  
Tenho o ceu e o mundo inteiro,  
Tenho, emfim, a liberdade!...»

«E, se o conceito não erro,  
Tu, que orgulhoso assim és,  
Tens a grilheta de ferro  
D'um condemnado ás galés...»

«Tens as venturas maiores?...  
A inveja não me amargura...  
Talvez que um dia tu chores  
Essa funesta ventura...»

Palavras não eram ditas  
Quando feroz, inelemente,  
Um gato de orelhas fitas  
Salta entre os dois de repente.

O pardal, batendo as azas,  
Lá vae caminho do matto,  
E o canario preso em casa  
Morreu nas unhas do gato...

.....  
N'este conto que te offereço  
Mais esta verdade archivo:  
«Antes faminto e liberto  
Do que andar farto e captivo...»

D. MARIA DO Ó.

## HORAS ENTRETIDAS

41 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é o maestro cujas operas formam pelas suas iniciaes a palavra *Flauta*?

ALICE.

42 — PERGUNTA INNOCENTE

O que é que se pode ver uma vez n'um minuto, duas n'um momento, e nenhuma n'um seculo?

43 — PERGUNTA INNOCENTE

O que é que todas as mulheres, todos os homens e todas as creanças fazem ao mesmo tempo?

44 — CHARADA NOVISSIMA

Aqui uma serra é marisco — 1 — 2

APRENDIZ.

45 — PALAVRAS EM CRUZ

A. A. A. A. M. M. R. R. I. I. D. G.

Com estas letras formar dois nomes de mulher, servindo um R para ambas.

Porto.

ANNA, ERMELINDA & C.<sup>ª</sup>

46 — CHARADA NOVISSIMA

Na musica e no rato é piedoso e furto — 1 — 1 — 2

AZOGUE.

47 — CHARADA SEMI-MATHEMATICA

Fructa — a + u = a ave — 2.

PEQUENO ANTONINHO.

48 — ADIVINHAÇÃO

Qual é a coisa, qual é ella, que é branca quando se atira ao ar, e que ao cair fica amarela?

Figueira.

AZOGUE.

49 — CHARADA

Continue, minha senhora,	}	1
E proprio da mocidade;		
Mas do que faz, com certeza	}	2
Vae perder logo a vontade,		
Se eu, maldoso e atrevido,		
As faces lhe fôr tocar;		
Ha de queixar-se, acredito,	}	2
Por eu tanto a maguar.		

Abre a historia d'Inglaterra,  
Que o meu nome lá figura.  
Minha mãe com seu dinheiro  
Resgatou-me da clausura.

PASSARINHO.

50 — PALAVRAS EM TRIANGULO

(A SINGUEM)

Foi imperador de Roma	. . . . .
Obeso, desfigurado,	. . . . .
E feiticero afamado,	. . . . .
Sem ser grande nem pequeno,	. . . . .
Podes vel-o no navio	. . . . .
E onde termina o Rheno.	. . . . .

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

PROBLEMA DE ARITHMETICA

*Perguntaram a Pythagoras quantos discipulos frequentavam a sua escola. Elle respondeu:  
Metade estuda arithmetica; um terço, geographia; um septimo, physica; além d'estes, ha ainda uma senhora.  
Quantos discipulos tinha Pythagoras?*

## ALEGRIAS

Durante o cerco de Amiens, cidade de Franca, foi publicada uma ordem, prohibindo aos habitantes o sahirem de casa sem trazerem uma lanterna. Logo na primeira noite um pacífico burguez teve de sahir, e tratou de cumprir a ordem.

— A tua lanterna? grita-lhe a sentinella.

— Aqui está.

— Mas não tem vela!

— A ordem não fallava em vela.

No dia seguinte, nova proclamação, ordenando que ninguem sahisse sem trazer uma lanterna com a respectiva vela. O nosso burguez, á noite, pôz uma vela na lanterna, e sahiu.

— Onde está a tua lanterna?

— Eil-a aqui.

— E a vela?

— Está dentro.

— Apagada!

— A ordem não dizia que devia vir a ceza. Co'a bréca! explem-se por uma vez!

Que tal era o homemzinho!

Fallava-se diante de Calino d'uma epidemia que diariamente causava muitas mortes.

Reflectiu um momento e sahiu-se com esta:  
— Tomára saber de uma terra onde não morra ninguem, para ir lá acabar os meus dias!

Um operario, tendo a mulher muito doente, foi chamar o medico. Este, que era muito avarento, perguntou ao homem:

— E vossê tem dinheiro para me pagar?

— Tenho aqui cinco libras — respondeu o operario, mostrando-lhas — e são para o sr. doutor, quer salve ou mate minha mulher.

O medico tomou conta da doente, que falleceu poucos dias depois. Decorrida uma semana o doutor foi pedir as cinco libras ao operario.

— V. Ex.<sup>ª</sup> salvou a minha pobre mulher? — perguntou o artista.

— Não; mas...

— Matou-a?

— Ora essa! — volve o medico, offendido.

— Então, não lhe dou nada, porque eu disse-lhe: «quer a salve ou a mate, as cinco libras serão suas.» V. Ex.<sup>ª</sup> não a salvou nem a matou, logo nada tem a receber.

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

33, Serpente. — 34, Dois paes e dois filhos: parece quatro pessoas, não é verdade? pois eram tres: avô, filho e neto; não admira, portanto, que, tendo morto tres lebres, cada um trouxesse a sua. — 35, A escuridão. — 36, Ratoeira. — 37, Rebello. — 38, Linguado. — 39, Quem dá, faz uma boa acção; quem empresta, um mau negocio.

40,

A  
P  
FLORA  
L  
O  
N  
I  
A